

REDEQUIM

Revista Debates em Ensino de Química

ISSN 2447-6099

EDITORIAL

O primeiro número de 2020 da REDEQUIM veio acompanhado de um cenário bastante negativo, conforme apontado pelo editorial naquela ocasião. A pandemia da COVID-19, a discussão sobre as aulas remotas e a questão do trabalho docente envolvido nessas atividades, o neomarcatismo e o aprofundamento das desigualdades raciais e sociais em nosso país e no mundo, eram marcadores desse cenário negativo que os editores Roberto Dalmo e Ehrick Melzer traçaram em seu texto. Tal cenário, infelizmente, não mudou. Afirmar a mudança de tal cenário seria um desrespeito às famílias dos mais de 160 mil mortos por COVID-19 no país, aos professores que têm sofrido com o aumento da sobrecarga de trabalho por conta das atividades online, e às pessoas mais pobres desse país, que viram mesmo um parco auxílio emergencial ser reduzido pela metade. De fato, o bolsonarismo ainda está aí e as eleições municipais que ainda estamos vivendo enquanto escrevemos este editorial parecem apontar que a erosão dos afetos, da confiança nas instituições e a ascensão do ódio e da mentira (muitas vezes eufemizada pela expressão *fake news*) como forma de fazer política ainda estão presentes entre nós. Isso tudo tendo como cenário um planeta cada vez mais quente e mais devastado pelas políticas ambientais que estão dando cabo da nossa biodiversidade, um fator que está diretamente ligado ao surgimento de doenças altamente infecciosas, como a COVID-19 (Jones *et. al.*, 2008)¹.

Entretanto, mesmo dado este cenário que não é dos mais animadores, escolhemos nesse editorial ressaltar alguns movimentos que parecem significar – queremos crer – o início da pavimentação de um futuro menos dramático a todos nós. No Chile, nossos companheiros conseguiram (depois de mais de um ano de protestos e enfrentando a violência de Estado) aprovar uma nova constituição, que rompe com um legado da ditadura militar de Pinochet e muitos de seus desdobramentos econômicos e sociais. Na Bolívia, após o violento golpe de Estado conservador ocorrido em 2019 – com apoio de um relatório da Organização dos Estados Americanos que apontou fraude inexistente em processo eleitoral anterior – um governo democrático reassumiu em 2020 o poder no país, após vitória acachapante dada pelo povo boliviano. Ainda nessa esteira, tivemos recentemente a notícia da derrota do ex-presidente estadunidense que, se provavelmente não significa grande mudança no contínuo imperialismo deste país em relação aos países do Sul Global, ao menos parece apontar por uma nova gestão em termos da crise climática, por exemplo, o que é relevante para nós, que habitamos o mesmo planeta.

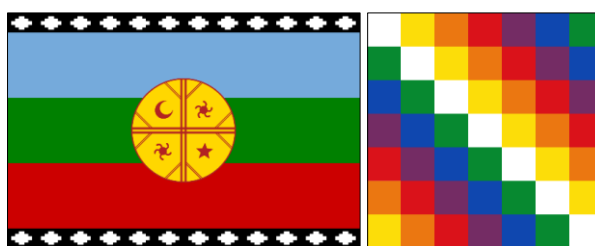
Em tempos de evidências objetivas frágeis que apontem para um mundo melhor, um caminho possível é nos inspirar em símbolos. Os símbolos e seus significados podem nos energizar para continuar *esperançando* nosso futuro. Como professor da educação básica, eu (Cristiano) costumo dizer que a nossa força vital – e aqui não uso no sentido de Luigi Galvani (1737-1798), mas no sentido utilizado na filosofia *bantu*, explicado por Munanga (1995)², como aquilo que nos fazer ser, nos impulsiona, nos faz feliz – depende do quanto somos capazes de nos encher de esperança. Nossos alunos e alunas não serão capazes de seguir em frente se não enxergarem em nossos olhos uma esperança genuína, que é a esperança que todo Professor e toda Professora têm quando estão em sala de aula. Ela pode estar ausente em muitos momentos, mas no momento da aula, a centelha da esperança genuína reacende.

¹ JONES, K. E.; PATEL, N. G.; LEVY, M. A.; STOREYGARD, A.; BALK, D.; GITTLEMAN, J. L.; DASZAK, P. Global trends in emerging infectious diseases. *Nature*, v. 451, n. 7181, p. 990-993, 2008.

² MUNANGA, K. Origem e histórico do quilombo na África. *Revista USP*, n. 28, p. 56-63, 1996.

Falando de símbolos, gostaríamos de ressaltar dois símbolos que têm nos ajudado no processo de recobrimento dessa força vital em tempos tão estranhos. Um deles é a bandeira *Mapuche*, que ficou em evidência a partir dos protestos no Chile. É uma Bandeira (**figura 1**) proposta em 1992 e que traz por trás de si a luta dos povos originários da região pelo reconhecimento de sua cultura e do seu território em meio ao Estado Chileno estabelecido após a invasão das Américas pelos europeus. Já a bandeira *Whipala* (**figura 1**) tem origem mais antiga, porém se consolidou como bandeira nos anos 70, durante mobilizações políticas para resgatar a identidade política Aimara na Bolívia. Ela foi adotada pelo governo boliviano de Evo Morales em 2009 como símbolo oficial do país e está ligada não apenas aos povos originários da região dos Andes, como também à filosofia andina, de forma mais ampla. São esses sentidos que precisamos resgatar para impulsionar nossa força vital, fundamental ao processo educativo. Àqueles que não conhecem ambos os símbolos, sugerimos uma busca rápida na internet para entender os significados por trás de suas cores e grafismos. Elas representam a resistência de povos em nosso território e, ao mesmo tempo, o emergir de uma nova forma de enxergar e viver o mundo, que seja mais plural e democrática.

Figura 1: À esquerda, a bandeira Mapuche e à direita a Whipala.



Fonte: Domínio Público, obtido em commons.wikimedia.org.

Nesse ponto, o/a leitor/a pode pensar: o que isso tudo tem a ver com o ensino de química, que está presente no título dessa revista? A essa pergunta, retruco com outra: o que o ensino de química tem a ver com isso tudo? Conforme argumentado em outra oportunidade (Moura, *no prelo*)³, as comunidades disciplinares de ensino de ciências são constituídas de acordos tácitos coletivos, que, como tais, podem ser reorientados para acomodar bandeiras que julgemos fundamentais para a vida na Terra. Neste sentido, aproveitamos a oportunidade para lembrar que estão abertas as submissões para o dossiê temático “Ancestralidades afro e indígena: a Química sob novos antigos olhares”, coordenado pela Professora Dra. Bárbara Carine Soares Pinheiro e pelo Professor Me. Hemerson Pataxó. Este dossiê será a oportunidade de repensar nosso caminhar no Ensino de Química bem como suas articulações aos profundos desafios que temos hoje na sociedade.

O presente número da REDEQUIM tem em sua composição vinte artigos distribuídos nas diferentes linhas temáticas, sendo: um artigo da linha de **Debates em Currículo e Políticas Públicas para o Ensino de Química** que desenvolve uma abordagem sobre o currículo de formação profissional na química a partir de provas e testes seletivos de concursos públicos. Dentro da linha de **Debates Divulgação Científica, Artes e Espaços Não Formais** apresenta também um artigo sobre o desenvolvimento de uma atividade de extensão universitária envolvendo o açaí e o ensino de química. Na linha de discussão sobre **Debates em Direitos Humanos, Culturas e Justiça Social no Ensino de Química** temos dois artigos publicados que versam sobre os desafios da abordagem da Lei 10.639/2003 no ensino de química e uma discussão sobre a abordagem freiriana na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Dois artigos pertencentes às discussões e **Debates em História e Filosofia da Química para o Ensino**, abordando as questões relativas às controversas sociocientíficas e uma discussão sobre a importância de trazer a perspectiva feminista à história e filosofia das ciências. Nos **Debates em Perspectivas Teóricas para o Ensino de Química** também com dois artigos que dialogam sobre as contribuições de Gaston Bachelard nas problematizações de atividades experimentais na formação inicial e o ensino de química guiado pela pesquisa como princípio educativo. Também contamos com dois artigos publicados na perspectiva dos **Debates em Linguagem no Ensino de Química** com um debate internacional

³ MOURA, C. B. Science Education research practices and its boundaries: on methodological and epistemological challenges. **Cultural Studies of Science Education**, 2021. No prelo.

sobre a competência argumentativa e uma análise semiótica dos contextos de sala de aula. Para fechar esta edição temos um total de dez artigos que problematizam e discutem as questões concernentes aos **Debates em Ensino e Aprendizagem da Química** trazendo contribuições significativas ao fazer pedagógico na sala de aula sobre representações, metodologias ativas, aplicações de modelos, questões sobre a utilização de jogos didáticos, análise de livros didáticos, discussões conceituais e a gestão de riscos na educação científica.

Por último, temos o prazer de informar que a partir do próximo ano a REDEQUIM passa a contar com novo layout de submissão de artigos – mais moderno e simples – e estreará duas novidades: a primeira diz respeito ao novo sistema OJS 3.0, que já foi implementado e encontra-se atualmente em ajustes e atualizações. A segunda novidade será a publicação de três números por ano, em vez de dois. O ano de 2020 já trouxe muitas novidades como a reformulação das seções, a participação de novos pesquisadores brasileiros e estrangeiros em nosso conselho editorial, o cadastro em novos indexadores e a redução significativa do tempo de avaliação dos artigos. Além das anunciadas mudanças, estão previstas diversas outras melhorias que devem resultar em visibilidade ainda maior aos artigos publicados na REDEQUIM e qualificação da revista. Sigamos firmes e unidos, no comprometimento com a Educação em Ciências!

Cristiano B. Moura

**Editor da linha Debates em História e
Filosofia da Química para o Ensino**

Ehrick E. M. Melzer

**Editor da linha de Debates em Currículo e
Políticas Públicas para o Ensino de Química**